



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

THAIS CHRISTINA SQUIRES DA SILVA

**VOZES QUE ECOAM ATRAVÉS DE MIM: MEMORIAL DE UMA MULHER
NEGRA PERIFÉRICA EM BIOESCRITURAS CÊNICAS**

BELÉM-PA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

THAIS CHRISTINA SQUIRES DA SILVA

**VOZES QUE ECOAM ATRAVÉS DE MIM: MEMORIAL DE UMA MULHER
NEGRA PERIFÉRICA EM BIOESCRITURAS CÊNICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito para
obtenção do grau de Licenciatura em Teatro.

Orientadora Profª Drª Andréa Bentes Flores

BELÉM-PA
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

S586v Silva, Thais Christina Squires da
 Vozes que ecoam através de mim: memorial de uma mulher negra
 periférica em bioescrituras cênicas / Thais Christina Squires da Silva.
 2023.
 32 f.

 Orientadora: Prof^{fa} Dr^a Andréa Bentes Flores.

 Memorial de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
 Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e
 Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2023.

 1. Memória autobiográfica. 2. Negras – identidade racial. 3. Atrizes
 negras – Formação profissional. I. Título.

CDD - 23. ed. 305.488

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao décimo terceiro dia do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às dezessete horas, reuniu-se, na sala 15, na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores **Prof.^a Dra. Andréa Bentes Flores** (Orientadora e Presidente), **Profa. Ma. Alana Clemente Lima** (Examinadora) e **Prof.^a Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos** (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna **THAIS CHRISTINA SQUIRES DA SILVA**, intitulado "Vozes que ecoam através de mim: memorial de uma mulher negra periférica em bioescrituras cênicas". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi aprovado com conceito excelente feitas as seguintes observações: recomendação de publicações e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 13 de junho de 2023.


Profa. Dra. Andréa Bentes Flores
Orientadora e Presidente de Banca


Profa. Ma. Alana Clemente Lima
Examinadora


Prof.^a Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos
Examinador

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a produção total ou parcial deste memorial por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho por serem pertencentes aervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: Thais Christina Squires da Silva
THAIS CHRISTINA SQUIRES DA SILVA

Local e Data: Belém 14 de Julho de 2023

PORQUE GULO NUNES POVOADA QUEM FALOU QUEM ANDO
NOS QUAIS
POSSO TER A TERRA E NESSE CASO DE
SOU O DONO DA SOU UM MAG

1. DE ONDE EU VENHO? EU VENHO DE UM VENTRE!

O ventre de uma mulher preta, aquele que me carregou durante 7 meses e se fez casa. Seu nome? Marilourdes Natalina Squires, 54 anos, mãe solo, mãe de 3 filhos, mamãe é a mais velha de 5 irmãos, sua lida diária é suada, mulher que emana força e resistência, mamãe se absteve de várias coisas e diversos fatores fizeram com que ela não ingressasse em um ensino superior, dona de muitas histórias e memórias, em conversa com ela e com meus tios e tias, eles relatam sobre um tempo difícil e escasso, o tempo que não tinha alimento e minha vovó dona Maria De Lourdes, fazia mingau de açaí ou eles tomavam azedo mesmo, tomavam chibé e as vezes nem isso tinham. Isso faz com que eu lute mais ainda para conseguir oferecer o melhor que eu posso e nada nos falte, seu relato fez lembrar-me de um momento difícil, quando mamãe foi demitida e ainda passou por um assalto, ainda posso ver seu desespero e seu choro contido. Há um ditado de que não podemos pensar no amanhã, mas o amanhã nos assustava, principalmente por pensar que algo poderia nos faltar e falo de alimentação, pois já “faltou” na nossa mesa e já vi ela nos oferecer o pouco para comer, enquanto ela se alimentava de nada e água.

Com 19 anos mamãe começou a trabalhar, foram mais de 20 anos trabalhando em supermercados, chegava tarde em casa e super cansada, hoje em dia sei bem como é essa lida... Ela, porém, nunca deixou que nada nos faltasse, isso me causa uma grande comoção e ao escrever não tem como não me emocionar e sentir o nó na minha garganta, víamos ela trabalhar direto, o que não quer dizer que ela seja menos mãe, aliás fazia isso para nos oferecer o melhor. Claro que sentíamos falta de um convívio maior, mas minha força vem dela, ela é o motivo de muitas metas minhas. Importante ressaltar que a família Squires é composta de mulheres fortes, nosso sobrenome significa muito, vovô nos contou vagamente sobre a história do sobrenome que carrego como herança e venho tentando desvendar e descobrir onde tudo começou.

“SQUIRES” um nome barbadiano, afro-antilhano¹, família original de Porto Velho, todos espalhados pelo mundo. Não sei bem se foi vovô que migrou para Amazônia ou se foram seus pais, talvez os pais de seus pais e assim vai, somos uma longa história, estamos nos encontrando aos poucos, ainda tem muitos que moram em Porto Velho e outros em

¹ Uma vez perguntei ao meu avô de onde veio nosso sobrenome. Ele disse que somos “Barbadianos”, termo que depois eu descobri que se referia a negros vindos da região do Caribe e que hoje o termo correto é afro-antilhano. Ele contou que era uma região de colonização inglesa e que esses imigrantes vieram para Porto Velho. Para saber mais sobre a origem e a história do nome de minha família, é possível consultar Blackman, Arena e Brabo (2020).

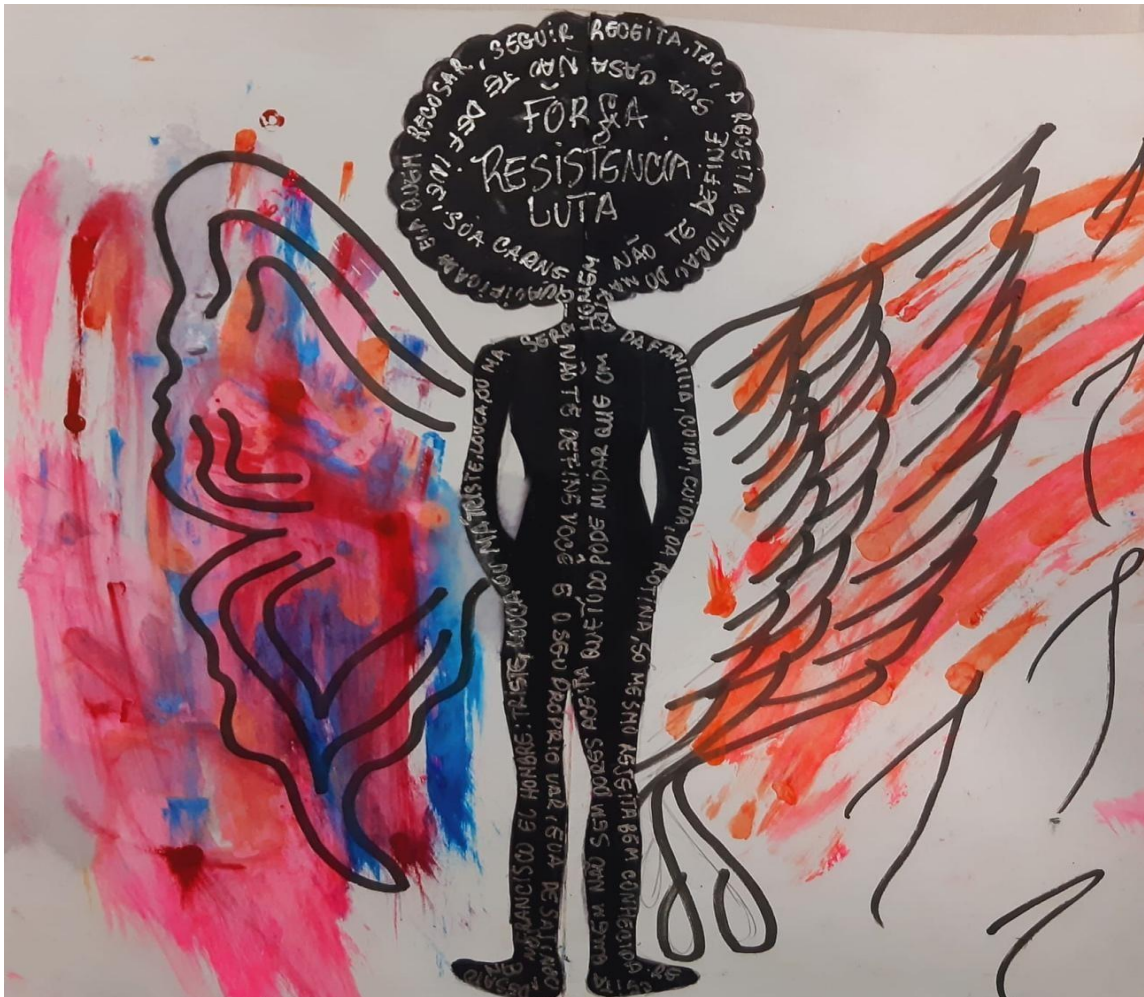
Belém do Pará. Meu primo, Paulo Victor Squires conheci em uma aula de cursinho que o mesmo foi ministrar. O sobrenome era de família, então eu sabia que tínhamos algum vínculo parental e eu estava certa. Paulo começou o trabalho de montar nossa árvore genealógica que tem sido um processo longo, talvez essa seja uma pesquisa mais para frente.

Eu e meus irmãos tivemos as melhores oportunidades que dona Marilourdes pôde nos oferecer, se hoje estou onde estou, é por conta dela, quero que ela se orgulhe e veja que tem uma filha que não desiste e luta pelo melhor e pelo bem-estar. Seus sonhos foram alimentados em mim, tenho noção que para chegar onde cheguei vieram muitas antes, uma delas foi minha mãe; hoje, quase formada, entendo a dimensão de se estar em um ensino superior, ainda mais sendo mulher preta, artista e de periferia. Eu darei adiante mais um passo por outras que virão depois de mim e honrarei quem veio antes e que por vários motivos não chegou onde estou, hoje tenho noção de muita coisa e devo isso ao conhecimento que foi gerado ao entrar em um ensino superior e ter que lidar com diversas pessoas com perspectivas diferentes e com conhecimentos variados.

Eu pouco entendia, fui ver a dimensão das coisas que passei e passo ao entrar no teatro, percebi que por muito tempo não aceitei que estava negando algumas origens, assim como parece ter ocorrido com Djamila Ribeiro (2018)². Eu não tinha consciência de mim em boa parte do tempo e o teatro me despertou mais ainda a vontade de descoberta e de ser o real pra mim, de aceitar meus traços, de descobrir meus ancestrais e ser referência para os meus e para outras pessoas. Hoje levo comigo tudo que aprendi e me encho de orgulho ao perceber que contribuo para mudanças dentro de casa, como fazer minha mãe enxergar que os desaforos e palavras grosseiras que lhe foram direcionadas, se configura como racismo, preconceito e que é um crime. Meu curso me possibilitou tanta aprendizagem e posso dizer que já exerço minha profissão dentro do meu lar.

² Djamila é uma feminista negra, filósofa, professora, escritora e atua na luta antirracista, lutando também pelos direitos das mulheres; eu a vejo como uma importante voz e não poderia deixá-la de fora do meu trabalho de pesquisa.

2. MEU CAMINHAR: O CAOS ORGANIZADO QUE ME CONSTITUI, A INCÓGNITA DE SER QUEM SOU.



*Um intenso conhecer de si, um eterno aprofundamento do ser,
entre idas e vindas, me perco e me acho, meu corpo fala e
minha voz, mesmo em silêncio, grita.*

Meu nome é: Thais Christina Squires da Silva. Meu sobrenome carrega consigo uma bagagem recheada de resistência e muita história para contar. Quando eu estava escrevendo este memorial, eu me via em três bichos: a fênix e a borboleta, que simbolizam a beleza, delicadeza, é a reinvenção de si e do ser; e o outro animal seria a imagem do búfalo, representando a força. Sou uma mulher sempre em trabalho de construção e desconstrução de si. Preta que luta, resiste, insiste e persiste.

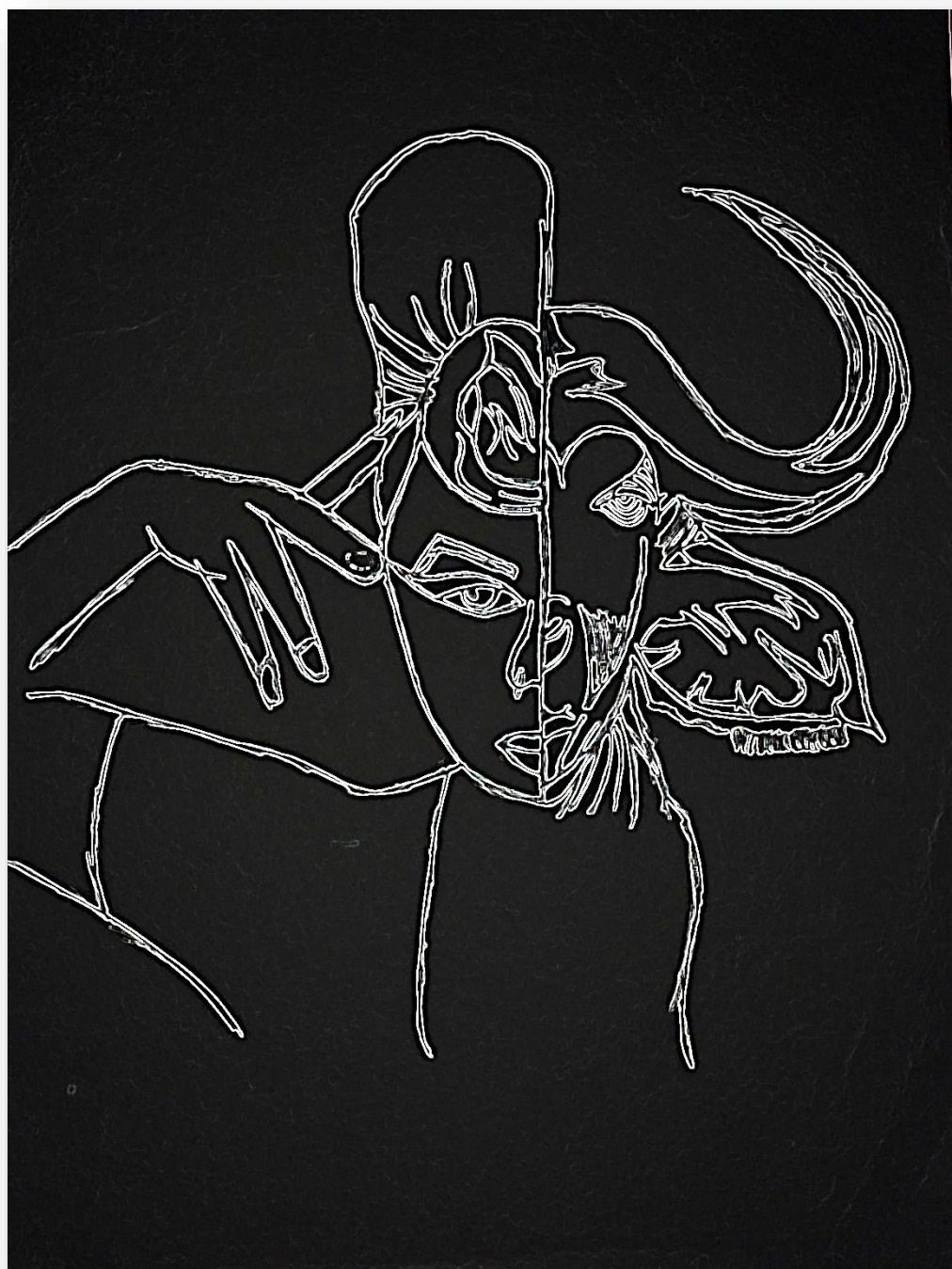
É sobre metamorfosear, é sobre renascer e se reinventar, ter a força de uma guerreira ou ter a força de búfalo, mesmo quando se quer ser mais humana.

A borboleta caminhou comigo desde sempre, muito antes de entrar na universidade, eu sempre amei seu voo e admirava sua beleza, sua transformação, pensando nisso não poderia deixá-la de lado neste trabalho, eu vivi muitas fases, quando alisei o cabelo, quando decidir passar pela transição capilar, das vezes que me submeti aos padrões impostos e ao longo do tempo optei por ser o meu real, é a metamorfose andando lado a lado comigo, é o ser menina e depois o ser mulher, hoje eu sei quem eu sou, mas até um tempo atrás eu não tinha essa visão que tenho, a borboleta me permitiu voos longos, voo esse que fez com que a vontade de estudar e de me formar não fosse só imaginação, eu voei da Cremação até a Escola de Teatro e Dança da UFPA e me permiti viver, não foi um pouso forçado, mas foi turbulento e uma escolha minha, lá passei pelas diversas fases, do se fazer atriz, de se fazer presente, do se fazer existir, e agora de ser professora de teatro, o voo mais longo, duradouro e doloroso e também posso dizer que foi o mais bonito, foi ter que sair de mim, olhar de longe a história que estava sendo escrita, me enxergar pelos meus olhos, isso fez com que eu percebesse e me perguntasse qual era a história que eu estava escrevendo, de quem, para quem, eu vi naquele momento, não de imediato, mas que eu estava escrevendo pelos olhos dos outros e eu mesma estava tirando o protagonismo da minha própria vida, aos poucos fui saindo de uma bolha, bolha que era o meu casulo, um lugar que foi minha comodidade por muito tempo.

O búfalo é a representação da minha força, força essa que eu nem imagina que tinha, mas tendo visto que cheguei tão longe, já sei que ela existe, só não entendia a dimensão, a sua tamanha grandeza, o búfalo é um animal grande, hoje sei o quando eu sou grande, que sou uma mulher de grande valia, potente, que levou porradas e porradas da vida e continuou de pé, mesmo que ainda tenha dias que eu não acredite nisso e volte a me subestimar, a me sentir diminuída e incapaz, mas quando esses dias chegarem, eu irei parar, respirar e olhar com carinho pra essa história e perceber que eu não sou atrasada perante a vida, eu só tenho o meu próprio tempo, meus processos lentos ou rápidos, entender que é preciso parar e desacelerar um pouco, descansar, adormecer por alguns minutos a guerreira que existe em nós, o búfalo é o famoso “sai da frente, se não te atropelo”, quer dizer que se for preciso eu passo por cima mesmo, foi isso que aconteceu, estou me formando por entender que o sistema tentou de todas as formas fazer com que eu parasse, desistisse, mas eu “meti o pé na porta e entrei, recomendo.

A fênix representa as vezes que eu caí e levantei, das vezes que tive que me

reinventar, desconstruir para reconstruir, lembro-me das várias vezes que eu parei e quis deixar tudo para trás, eu já não aguentava mais, mesmo assim ia nem que fosse me arrastando, mas eu ia pra luta, essa luta diária de quem estuda e trabalha, eu me via fazendo muitas coisas, correndo sempre atrás do meu dinheiro, eu praticamente era uma severino até ter um emprego de carteira assinada, porém ainda faço corres por fora.



Aqui vai uma música que significa muito, pois me vejo em cada trecho, essa música além de ser de grande potência, ela reflete um dos momentos mais significativos durante todo o percurso, que foi minha aprovação no curso de Licenciatura em Teatro pela UFPA e me recorda de vários momentos que vivi. “Cota Não É Esmola”, canção de Bia Ferreira (2019):

Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola
Experimenta nascer preto na favela, pra você ver
O que rola com preto e pobre não aparece na TV
Opressão, humilhação, preconceito

A gente sabe como termina quando começa desse jeito
Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
Cuida de criança, limpa a casa, outras coisas mais
Deu meio-dia, toma banho, vai pra escola a pé
Não tem dinheiro pro busão
Sua mãe usou mais cedo pra correr comprar o pão
E já que ela tá cansada quer carona no busão
Mas como é preta e pobre, o motorista grita: Não!
E essa é só a primeira porta que se fecha
Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa
Chega na escola, outro portão se fecha
Você demorou, não vai entrar na aula de história
Espera, senta aí, já já da uma hora
Espera mais um pouco e entra na segunda aula
E vê se não se atrasa de novo, a diretora fala
Chega na sala, agora o sono vai batendo
E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que
Se a passagem é três e oitenta, e você tem três na mão
Ela interrompe a professora e diz: Então não vai ter pão
E os amigos que riem dela todo dia
Riem mais e a humilham mais, o que você faria?
Ela cansou da humilhação e não quer mais escola
E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola
O tempo foi passando e ela foi crescendo
Agora lá na rua ela é a preta do suvaco fedorento
Que alisa o cabelo pra se sentir aceita
Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita
Agora ela cresceu, quer muito estudar
Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular
E a boca seca, seca, nem um cuspe
Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP
Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola
Que todos são iguais e que cota é esmola
Cansada de esmolas e sem o dim da faculdade
Ela ainda acorda cedo e limpa três apartamentos no centro da cidade
Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Cê vai ver como são diferentes as oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo
E nem venha me dizer que isso é vitimi
Que isso é vitimi
Que isso é vitimismo
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo
E nem venha me dizer que isso é vitimi

Que isso é vitimi
Que isso é vitimismo
São nações escravizadas
E culturas assassinadas
A voz que ecoa no tambor
Chega junto, e venha cá
Você também pode lutar
E aprender a respeitar
Porque o povo preto veio para revolucionar
Não deixem calar a nossa voz não!
Não deixem calar a nossa voz não!
Não deixem calar a nossa voz não!
Re-vo-lu-ção
Não deixe calar a nossa voz não!
Não deixe calar a nossa voz não!
Não deixe calar a nossa voz não!
Re-vo-lu-ção
Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai
Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai
Nascem milhares (Marielle Franco, presente)
Dos nossos
Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai
E é peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
Peito aberto, espadachim do gueto, nigga
Peito aberto, espadachim do gueto, nigga
Peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!
(Peito aberto, espadachim) É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
(Peito aberto, espadachim) É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!
Vamo pro canto onde o relógio para
E no silêncio o coração dispara
Vamo reinar igual Zumbi e Dandara
Ô Dara, ô Dara
Vamo pro canto onde o relógio para
No silêncio o coração dispara
Ô Dara, ô Dara
Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Cê vai ver como são diferentes as oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo hein
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo
Existe muita coisa que não te disseram na escola
Eu disse, cota não é esmola
Cota não é esmola
Eu disse, cota não é esmola
Cota não é esmola
Cota não é esmola
Cota não é esmola
Eu disse, cota não é esmola
Cota não é esmola
Cota não é esmola
Cota não é esmola
São nações escravizadas
E culturas assassinadas
É a voz que ecoa do tambor
Chega junto, e venha cá
Você também pode lutar
E aprender a respeitar
Porque o povo preto veio re-vo-lu-cio-nar

Sou uma mulher, preta, artista e de periferia, 26 anos, nascida em 1997, na Maternidade Nossa Senhora de Fátima, no horário de 15h50. Venho do bairro da Cremação, trabalhando atualmente em uma rede de supermercados, estudei em escolas públicas minha vida toda e agora formanda no curso de teatro. Não foi fácil o caminhar, teve dias que eu achei que não conseguiria, tinha dias que eu não tinha nem 2 reais do ônibus, pedia emprestado para meus tios e tias, para ter pelo menos como ir; eu vendia lanche na faculdade e foi isso que me ajudou muito; quando não, ia a pé mesmo. Ao passar no vestibular, fui intitulada como burra, alguém que não sabe escrever, duvidaram da minha capacidade de formar e me diminuíram pelo fato de ter passado por cota. Aprendi com Djamila Ribeiro (2018, p.72), porém, que “Ser contra as cotas raciais é concordar com a perpetuação do racismo”. E ainda: “Cota não diz respeito a capacidade, porque isso sabemos que temos; cota diz respeito a oportunidade” (RIBEIRO, 2018, p.73). Para ela, cotas raciais são necessárias porque este país possui uma dívida histórica com a população negra, o que para mim tem tudo a ver com a música de Bia Ferreira, na qual ela diz que cota não é esmola, são nações escravizadas.

Fui muito criticada, inclusive por negros e negras que se mostram contra cotas e alegam não ter precisado delas para passar, porém jamais tive vergonha de dizer que passei por cota e que isso me possibilitou adentrar um ensino superior. A trajetória foi árdua, durante 4 anos tentei o ENEM, desde 2014; não obtive sucesso em três anos, já havia tentado o Curso Técnico em Teatro³ duas vezes e havia fracassado. As cobranças eram grandes, ter que ouvir que você não fazia nada além de estudar e ainda assim não conseguia passar, enquanto fulano, beltrano passavam em várias. Isso me entristecia, era o tipo de puxão de orelha que te puxa para cima, porque de alguma forma me incentivava a estudar, mas ao mesmo tempo te puxa para baixo, porque as comparações com outras pessoas não faziam bem. Comecei a me dedicar mais, fazia aulas extras no cursinho da prefeitura de Belém, já tinha noção dos meus pontos fracos, um deles era a matemática. Passava horas fazendo alguns cálculos e sim, eu tirei uma nota ótima, então me dei conta de que era capaz de muita coisa, apesar de duvidar várias vezes.

No ano de 2017 meu nome não saiu no listão, não saiu na primeira, na segunda e nem na terceira repescagem, desse modo eu não esperava mais nada, além de lidar que

³ Muita gente me pergunta onde estudo. Tanto a Licenciatura, quanto o Curso Técnico em Teatro acontecem na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), uma escola técnica vinculada à universidade, que possui cursos técnicos, graduações e especializações no campo das artes cênicas.

teria que tentar de novo. Por volta de 00h30, não me recordo o dia da semana, um amigo me enviou mensagem, dizendo que eu tinha passado e bateu print, eu não acreditava no que acabara de acontecer: lá estava meu nome na repescagem, meu coração palpitava acelerado e todos em casa estavam dormindo. Lembro de não ter dormido e quando deu 07h da manhã, contei a notícia para minha irmã e logo em seguida para a minha mãe; eu não conseguia conter as lágrimas e ver o olhar de orgulho da mamãe era tão satisfatório, lembro que mamãe pôde comprar meia cuba de ovos para comemorar e ganhei outra de um vizinho, era o que tinha e foi o suficiente pra mim, sentia como se tivesse cumprido o meu dever.

Uma conquista chegava, vale lembrar que na nossa família já temos outras mulheres cursando alguma faculdade, mas fui uma das primeiras a passar em uma universidade pública e que irá se formar e terá seu diploma em mãos, um dos momentos mais esperados por mim, olhar não somente para trás, mas para todos os lados. Ao olhar para cima, tenho um Deus no qual eu acredito, olho para os lados e vejo quem me deu as mãos em diversos momentos, que caminhou junto e quem não caminha mais; ao olhar para trás me vejo totalmente diferente do que sou hoje, em personalidade, no meu jeito de pensar o mundo e a mim mesma, meu modo de ver e aceitar meu corpo, e ter outras percepções críticas sobre o olhar do outro; vejo também múltiplas mulheres que me possibilitaram chegar até aqui; olho para o chão, vejo meus pés, cansados, rachados, estou exausta, mas cheguei tão longe e não irei parar.

O povo preto veio revolucionar e não irão calar minha voz, por muito tempo fomos silenciados, eu irei gritar se for preciso e você irá me escutar, deixo aqui uma frase que me impactou muito, onde Lélia Gonzalez fala “ou seja o lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ apud RIBEIRO, 2019, p.9).

3. O TEATRO COMO DESCOBERTA E TRANSFORMAÇÃO DE SI.

O teatro era algo que eu amava, minha caminhada artística começou em um grupo de igreja, lá por volta de 2009, lembro de algumas coisas constrangedoras que aconteciam, como não ser escolhida para ser Maria na Paixão de Cristo, por conta da minha pele não ser a que Maria transmitia, não era uma pele angelical, delicada. Isso me arruinou por dentro, minha cor não era problema pra mim, porém me submeti em outros padrões que eram estabelecidos na sociedade. Outro fato foi os comentários maldosos em relação ao meu cabelo no dia da apresentação: “cabelo fuá”, “cabelo pra assustar alguém”, etc. Eu via

eles rindo, me via sendo piada, esse tempo eu decidia passar pela transição capilar, seis meses tirando a química que escondia meus traços, alisei no intuito de me sentir mais bonita e ser um pouco aceita, mas lembro de um menino falando que meu cabelo continuava duro e não adiantava de nada meus esforços. Isso me recorda um trecho do livro de Djamila Ribeiro, uma das vozes que mais chamo neste trabalho, no livro “Quem tem medo de feminismo negro?”:

Com o tempo, ele cedeu, e minha mãe alisava meus cabelos e os da minha irmã em casa. Era um ritual de tortura, no qual ela acendia uma boca de fogão, deixava o pente de ferro ali até ficar pelando e passava nos fios. Aquilo era comum, mas inúmeras vezes o cabelo queimava: você sentia o cheiro e via os fios se desfazendo. Podia-se até queimar o couro cabeludo nos piores casos. A vontade de ser aceita nesse mundo de padrões eurocêntricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém quer [...] com o passar do tempo, as técnicas de tortura foram mudando. A época das químicas relaxantes ou de alisamentos deve ter enriquecido muita gente (RIBEIRO, 2018, p.14;15).

Neste trecho a filósofa nos conta sobre os acontecimentos com seu pai, nos quais ela sentia raiva dele por proibi-la de alisar o cabelo, pois deveria sentir orgulho de suas raízes. Isso relembra uma época que eu e minha irmã íamos para a casa da nossa tia Nalva, e passávamos ferro no nosso cabelo, colocávamos a cabeça na mesa, enquanto nossa prima passava o ferro, lembro do cheiro de queimado e as placas de queimaduras que aconteciam acidentalmente. Quando decidi alisar o cabelo, mamãe me perguntou várias vezes se era realmente o que eu queria e em todas as vezes disse sim, mamãe sempre me elogiava, falava o quanto era bonito meu cabelo e ela admirava meus cachos-caracóis, mas eu me fazia as mesmas perguntas que Djamila fazia a si mesma “E orgulho de quê? De ser a neguinha feia do cabelo duro?” (RIBEIRO, 2018, p.14).

Nesse tempo eu não tinha a percepção que tenho hoje, não tinha noção do quanto estava me submetendo aos padrões impostos, ao que era bonito e por vezes não era real e o quanto isso me deixaria marcas profundas mais tarde e era doloroso, já me oprimiam e eu acabava aceitando as opressões. Eu era uma atriz incrível, eu sabia disso, mas meus traços incomodavam, eu os escondia, lembro-me de ficar refém da chapinha, não podia sequer ver uma raiz cacheada. Hoje me orgulho de mim e passei a deixar tudo em evidência, entrei para outro grupo da igreja e nesse foi melhor, acreditavam em mim, ganhei como melhor atriz, eles admiravam meu potencial e com isso me fizeram amar cada vez mais a arte de atuar. Nos firmamos fora da igreja, um grupo independente, desse grupo eu tirei as melhores experiências, eu tinha sede por palco.

Entrar para a ETDUFPA foi um turbilhão de coisas, tanto boas, quanto ruins. Eu

entrei menina, sem muito entendimento de muitos assuntos, de muitas coisas, no decorrer tive aulas extraordinárias, conheci pessoas que proporcionaram tanto conhecimento, me fizeram enxergar tanta coisa. Eu “tapava o sol com a peneira”, ou seja, eu não queria enxergar as coisas que aconteciam comigo e muitas das situações que passei durante meus 26 anos, eu não aceitava. O teatro colaborou e muito no meu processo de descoberta de mim, me fez entender toda uma estrutura de poder, me fez enxergar que viver é um ato político e eu sou um ato desses. Tudo contribuía para uma desistência do caminhar, a exaustão física e mental de ter que acordar 5 horas da manhã para trabalhar, chegar em casa, fazer uma refeição rápida e ter que ir assistir aula. Quando não, fazia alguns trabalhos por fora, como o de trancista, passava mais de 12 horas em pé e tinha hora que os pés e as mãos não aguentavam mais, as costas doíam, mas eu precisava do dinheiro, qualquer renda era bem vinda, tudo isso fez com que eu desistisse várias vezes da formação acadêmica. Sou grata pela minha orientadora que não soltou minha mão em nenhum momento, ela me entendia de fato e sempre me fazia retornar, mas eu parei no meio do caminho diversas vezes; entendi que era preciso continuar e não deixaria ser vencida por uma estrutura que me oprime de várias formas e é isso que vejo, toda essa estrutura tenta ganhar a gente no cansaço, somos obrigados a mostrar nosso potencial mais de dez vezes, apesar de sabermos da nossa capacidade, pensando nesse caminhar, no antes, no durante e no depois de uma formação no ensino superior, escrevo este trabalho de conclusão de curso, em bioescrituras.

Bioescrituras é um termo usado por Wlad Lima⁴ e Andréa Flores⁵ para tratar de modos de falar sobre si mesma em cena, nos trabalhos de teatro desenvolvidos por elas junto aos demais membros do Coletivas Xoxós⁶. É um jeito particular de nomear a escrita de si, a autoetnografia e outros modos de explicar o momento em que um artista ou uma pesquisadora como eu sente a necessidade de ter a si mesma como tema principal. Escrevo

⁴ Wlad Lima é artista-pesquisadora, diretora, dramaturga e cenógrafa de teatro na cidade de Belém do Pará. Professora Titular da UFPA (aposentada), mestre e doutora em Artes Cênicas pela UFBA e pós-doutora em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro, Portugal.

⁵ Andréa Flores, mulher afroindígena, é atriz, palhaça, dramaturga, diretora, professora e pesquisadora de teatro em Belém-PA. Doutora em Artes pela UFMG e professora efetiva da Escola de Teatro e Dança da UFPA.

⁶ O Coletivas Xoxós é um grupo de teatro em atuação a oito anos na cidade de Belém-PA.

sobre e a partir de mim mesma. Este trabalho é, portanto, uma bioescritura. Neste caso, de uma mulher negra em processo de transformação de si mesma.

Escrever o TCC desencadeou um pensamento que me levou a perceber que todas minhas performances realizadas ao longo do curso são baseadas em assuntos recorrentes que me atravessam enquanto um corpo político: empoderamento feminino, resistência exaustiva, vidas negras assassinadas, apagadas e silenciadas, assédio sexual, patriarcado e os papéis sociais e embranquecimento. Esses são alguns dos temas abordados, a seguir traçarei um percurso para chegar onde é um dos pontos mais marcantes e significativos de toda minha carreira artística, o Manifesto Pauta Negra, onde praticamente as cenas que os constituem abraçam minhas performances, o Pauta foi um divisor de águas, em 2018 começava uma grande metamorfose, um desabrochar, aqui eu “metia o pé na porta” e entrava.

4. UM CORPO EM PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO: MINHAS PERFORMANCES NO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

4.1. “Corpo”

A performance “Corpo” foi uma finalização de disciplina que fizemos online com a professora Adriana Cruz, chamada “Exercício da cena IV- Visualidade”, na qual o indutor foi um livro de Sônia Rangel, “Olho desarmado”. O trabalho final era gravar uma cena, levando em consideração as discussões nas aulas online, discutíamos justamente sobre o poder de uma imagem, que por vezes fala mais que a própria fala, uma imagem, um desenho, uma fotografia. Falamos sobre um olhar mais sensível e eu acredito muito no poder de uma imagem, nas múltiplas sensações e sentimentos que ela pode transmitir mesmo sem ter sequer uma fala ou um texto descritivo e o trabalho de Sônia Rangel “Olho desarmado” (2009) tem muito disso, a mesma nos conta que as imagens contam uma história por si só, fala sobre um possível começo no qual não sabemos como será o final, e que se dará por rabiscos, palavras soltas e assim continuamos no intenso processo criativo. Meu trabalho de conclusão de curso e os demais que já fiz, baseiam-se quase sempre em músicas com as quais me identifico e poemas autorais que surgem em determinados momentos, até delicados, assim como em desenhos e fotos.

O trabalho abaixo teve como ponto focal um poema, uma música de Francisco, El Hombre (Triste, Louca ou Má), a música em questão fala de empoderamento feminino, de uma mulher que desata nós , que vai contra o que nos é condicionado, é por isso que somos vistas como tristes, loucas ou más, conta que uma mulher não se define por um homem, por uma casa e muito menos por sua carne. Que lindo quando é cantada “ ver cores nas cinzas”, é como se uma mulher fosse capaz de renascer quantas vezes for necessário, como uma fênix, e quem dirá que não sejamos mesmo uma? E que ela mesma colore o seu cinza e talvez o cinza só seja um pingo de tinta, um pequeno rabisco para começar uma grande aquarela, digo no meu ponto de vista.

Quem era a Thais aqui? Como ela se via? Alguém que não aceitou uma relação tóxica, que passou a amar seu corpo, um corpo cicatriz, um corpo memória, acredito que mais que um livro que nos conta a história, é o corpo que por si só já é história viva, olhe para as marcas dele e veja a quantidade de memórias e vivências, entendeu que tudo que há nesse corpo conta uma história, a história dela. Hoje ela sabe que seu corpo não precisa ficar nos padrões da sociedade e que precisa ser aceito somente por si, nesta cena eu falo da mulher que entendeu que ela mesma era seu lar mais valioso, uma mulher que não se submete ao pouco, não mais, foi longo chegar até aqui, o processo não foi bonito, não foi fácil e não foi só alegria, foi doloroso.

Os poemas disponibilizados constituem o trabalho da cena em questão, são poemas de minha autoria, o poema que intitulei como “Aquarelamento” e o desenho que fiz foram criados para a cena, aqui eu nem fazia ideia que tinha criado uma dramaturgia, que eu era uma dramaturga, eu nem tinha uma dimensão de tudo isso, só me dei conta em uma conversa com a minha orientadora, pois até então não me via desse jeito, fiquei surpresa de fato, com que ela me revelava, quem diria, Thais Squires dramaturga? Se eu sentia receio até de dizer que sou uma atriz, ainda é difícil de acreditar, uma hora a ficha cai e eu aceito que sou muito mais e que eu só não vejo a dimensão de ser EU. No processo de criação lembrei de um poema não menos importante e talvez seja um dos mais significativos que já escrevi, lembro dos traumas passados e ele é tão sensível, foi intitulado como “Corpo”, mesmo título da performance; esse em especial foi criado para o trabalho de conclusão de curso e acabei usando no processo criativo como avaliação da disciplina.

Poema Aquarelamento



E nessa aquarela
Eu vou pintando a história dela
Preta, entre cores, amores, dores,
Pureza, leveza
Ah quanta beleza,
Curvas, são traços
Teias, são vozes, gritos,
Suspiros, trilhos
É ela!
Aquela, mulher aquarela
Que entre cores, revela a alma dela que é bela.



Poema Corpo

Corpo meu, resistência, existência, persistência

Corpo casa, lar, abrigo

Corpo colo

Corpo estrutura física

Corpo história, memórias

Corpo ancestral

Corpo voz, que por vezes ficou em silêncio engolindo a seco palavras duras de
ouvir

Corpo de ninguém, corpo meu!

Tocado se eu permitir, aí que dor

Não foi respeitado, violado, abusado
Cicatriz, não teve penetração, teve palavras, olhares, ameaças, exposição
Corpo luta, não padronizado e por vezes não amado, não mais calado e em
aprendizado para não calar a si
Corpo de mulher, de mulher negra
Meu, só meu, tão eu.
[https://drive.google.com/file/d/10DuLIYZs0PgoXM0cV4Mc_GOH4nDYgeP-
/view?usp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/10DuLIYZs0PgoXM0cV4Mc_GOH4nDYgeP-/view?usp=drivesdk)

4.2. “Sou muito mais que padrões”

A frase é o título que usei para nomear minha performance, avaliação final da disciplina Exercício da cena III- Encenação, ministrada pela professora Karine Jansen e pelo professor Marton Maués, de forma virtual. O exercício final era criar uma cena, tendo como indutor para a composição a obra “Casa de Bonecas” de Henrik Ibsen (1879). O texto foi disponibilizado e a cada encontro discutíamos uma parte, liamos e logo após isso, cada um dava sua opinião a respeito da leitura, desse modo foi levantado várias questões e diversos pontos de vista, tiveram levantamentos importantes, além de ser uma obra antiga, ele aborda muitas situações que ainda acontecem na atualidade, no meu entendimento é um texto machista, aborda pautas como violência de gênero, infantilização, dependência da mulher, padrões estéticos e éticos, papéis sociais.

Frases como “só podia ser mulher”, “Então a minha gulosa nem sequer deu uma olhada na confeitaria?”, dentre outras frases no texto, demonstram que até sobre o corpo da mulher se tem uma opinião, como se tivéssemos que ter uma aprovação sempre, falas que sempre demonstram a independência de um homem e a dependência da mulher, falas no diminutivo se referindo a figura feminina me causaram repulsa e indignação. Fazendo com que eu relembre uma história com um ex-namorado, que, ao saber que eu faria uma prova para entrar na marinha, ficou indignado e até hoje não esqueço suas palavras: “mulher minha tem que ficar com a barriguinha no fogão, vai trabalhar nada, só vai precisar de mim”. Era provavelmente seu medo por minha independência, aliás eu não precisaria dele e ele não teria autonomia sobre mim, ele sabia que estava lidando com uma mulher resolvida, no dia seguinte eu resolvi terminar o relacionamento, sem titubear, um início de namoro que começa desse jeito, vocês já devem imaginar o final.

Mamãe me ensinou a ser dona de mim, sempre tive meus corres, antes de conseguir um com carteira assinada e ainda assim, continuo fazendo tramos por fora. Tem dias,

aliás, que a situação apertada, mamãe é uma mulher forte, sempre trabalhadora, mas também sei que às vezes ela chora, provavelmente exaustão física e mental. Meu pai biológico nos deixou ainda bebês, eu estava com 1 ano de idade e minha irmã com 2 anos, desde aí foi só ela, vim reencontrá-lo por ironia no ano de 2017, ano em que passei na faculdade e minha sobrinha estava bem novinha, com meses ainda. Tivemos várias discussões, eu não aceitava o abandono paternal dele e quando viu minhas conquistas, queria dizer que me amava e pagava de pai orgulhoso, mas eu me perguntava “Onde estava nesses 20 anos?”. Esses relatos serviram como base para o processo criativo de construção das cenas, minhas fontes de inspiração, os discursos que levantei foi em questão ao corpo feminino, enquanto a opressão que é nos feita quando fora dos padrões da sociedade, aquela típica modelo universal, magra, clara e alta, se tiver olhos azuis melhor ainda, seria uma miss beleza, teve um tempo que eu não comia, queria ser magra a qualquer custo, pensei que ser magra já me ajudaria, desse jeito eu teria vantagens e seria a menos feia do rolê, ou até seria amada, visto que já fui deixada por conta do meu biotipo, por conta das estrias, entre outras coisas. Outro assunto abordado seria a família patriarcal, a figura do homem e sua linda esposa e seus belos filhos, agora deixa eu te perguntar, que família é essa? A realidade é outra, se prega uma figura totalmente contrária do que se é de fato, a minha teve vários abandonos paternos, mãe que cuida dos filhos, que vive trabalhando pra não faltar o mínimo, o alimento principalmente, e essa foi a minha família.

A matéria da Veja confirma isso ao enaltecer Marcela Temer como a mulher que todas deveriam ser- à sombra, nunca à frente. Destaco que não critico aqui Marcela e mulheres que adotam estilo parecido. O problema é julgar que esse deva ser o padrão, é não respeitar a mulher como ser humano, como alguém que pode estar num lugar de liderança, que tem o direito de ser como quiser sem julgamentos à sua moral ou capacidade. (RIBEIRO, 2018, p.114).

A citação acima retrata sobre uma matéria da revista Veja com a Marcela Temer, esposa de Michel de Temer, colocando-a como a figura de uma boa esposa, por conta de sua discrição, suas roupas a altura dos joelhos, por ser tão na sua que você talvez nem a perceba, então ela se daria como a bela, recatada e do lar. Ainda somos condicionadas a uma bolha, bolha essa de que muitos não querem sair; nela há uma mulher perfeita para amar, para se casar, seria ela a que limpa a casa, trabalha cuidando dos filhos, empregada do lar, obediente ao marido e aos seus comandos, super dependente dele, fora os comportamentos, mulher senta de pernas cruzadas, que demonstra a delicadeza de uma

porcelana, frágil, submissa e controlada, é como se uma mulher não desse conta por si só, como se ela precisasse sempre de alguém (alguém esse que seria um homem), como se não tivéssemos a própria voz, isso me leva novamente a Djamila Ribeiro:

[...] Várias postaram fotos fazendo coisas que a sociedade acredita não serem apropriadas a uma mulher usando a hashtag #belarecatadaedolar. Há fotos de mulheres bebendo no bar, trabalhando, com roupas curtas, tudo com o objetivo de mostrar que lugar de mulher é onde ela escolhe estar. Percebe-se como, apesar de alguns avanços que tivemos, a mentalidade machista perdura e ainda é tão 1792.... (RIBEIRO, 2018, p.114; 115).

Eu bebo cerveja e adoro rock doido, danço horrores, fora minhas roupas justas e curtas e os decotes que não podemos deixar de fora, desse modo, esse é o meu ser linda, recatada e do MEU LAR, meu lar corpo, dona de mim, empoderada e agora se amando com todas as cicatrizes, aliás elas sou eu. Abaixo disponibilizo a forma que trabalhei na cena, as cores, a música, o espaço etc. Para esta performance, eu criei uma espécie de roteiro.

- Momentos:

Momento 1: Frágil, controlável, submissa esposa ideal

Momento 2: Fora da casinha
Dona de si
Amor próprio
Empoderamento

- Figurinos: 2 Momentos

Momento 1: Vestida na cor rosa, simboliza fragilidade.

Momento 2: Vestida na cor vermelha, simboliza coragem, força e independência.

- Cenário:

Objetos de brinquedos, cortina rosa, mesa e uma cadeira.

- Iluminação:

Iluminação ambiente

- Sonoplastia:

Música de Kell Smith: Princesa



A construção da cena teve como base algumas experiências enquanto mulher, fora dos padrões, a imagem a ser construída seria de uma Marionete, simbolizando o controle, imagens pensadas a partir da imagem feminina enquanto esposa ideal, comportamentos recatados. Retrato uma parte importante da minha história, que é o amor próprio, amor ao meu corpo do jeito que ele é, a música escolhida fala de uma princesa que não precisa ser salva pelo príncipe encantado, demonstra uma mulher independente que precisou somente dela mesma para se salvar, ela tem tanta força que domou o próprio dragão e ele se tornou seu bichinho de estimação, ela diz que não é de contos de fadas e sim revolução, princesas precisam ser reinventadas.

Olhar para essa performance hoje me fez perceber que eu tive mudanças importantes e que ainda continuo mudando, eu já fui marionete, hoje eu não me permito passar por coisas desse tipo.

https://drive.google.com/file/d/1m_SiEdpF97u0M2BAPa4IWLWG06Rbx1sp/view?usp=drivesdk

4.3. “Manifesto Pauta Negra”: voz, visibilidade, afeto, trocas.



Foto: Tarsila Rosa

Em 2018 eu era convidada a participar de um grupo de teatro universitário, o GTU, ali eu nem imaginava que muita coisa mudaria, o Pauta foi um divisor de águas, literalmente. Ingrid Gomes⁷, uma grande amiga e parceira de curso, foi idealizadora do projeto, ela me fez o convite e eu aceitei. O manifesto Pauta Negra é de concepção e encenação de Ingrid, a dramaturgia foi um trabalho coletivo, o manifesto tem o intuito de mostrar a luta diária de mulheres negras, baseando-se nas vivências das mesmas e suas múltiplas demandas, ele se permeia de forma atemporal para se fazer ouvir. Racismo, transfobia, colorismo, violência contra a mulher, homofobia, racismo reverso, feminicídio, cota nas universidades, são alguns dos assuntos tratados, entram em debate também a questão dos estereótipos que são atribuídos às mulheres negras e os ditos padrões. Vale lembrar que foi um grupo composto somente por mulheres, não houve um protagonismo único, todas foram protagonistas. Diante de um contexto histórico de opressões desta sociedade machista e racista, as protagonistas expõem a emergência em proliferar sua luta e (r)existência, apresentando cenas performáticas de tensão e

⁷ Educadora social, performer, encenadora, dramaturga e produtora cultural, professora de teatro pela UFFA, especialista em análise das teorias de gênero e feminismos na América Latina pelo IFCH-UFFA, pós graduanda em gestão cultural contemporânea: da ampliação do repertório poético à construção de equipes colaborativas pelo Itaú Cultural, integrante dos projetos de pesquisa Curupirações Cênicas e Ubuntu Amazônicas, idealizadora da Pororoka produtora, desenvolve pesquisas em arte cênicas sob perspectiva do feminismo decolonial.

transgressão, a partir de questionamentos sobre as bases estruturais de poder e pelo desejo e necessidade imediata de mudança desta sociedade excludente.

Logo de início eu não me sentia pertencente a esse grupo que se chamou Manas Pretas, eram mulheres tão interessantes e inteligentes, e eu não acreditava na minha potência e muito menos que era inteligente e capaz, eu passava por algumas coisas chatas e constrangedoras de se falar, era subestimada todo tempo. Não por elas, vale ressaltar. Era por mim mesma. Eu olhava com olhar de admiração para essas manas, suas vivências me tocavam e eu não conseguia conter as lágrimas, a cada história-memória contada, me despertava alguns relances de memória e gatilhos, algumas manas bem empoderadas e eu me encontrava ainda no processo de aceitação e empoderamento. Eu me perguntava sempre qual era o motivo de ser convidada para integrar esse grupo, eu sou alguém que se sabotava quase sempre, então olhava para elas e pensava, quem era a Thais no meio delas, o que eu tinha a acrescentar? Para elas eu oferecia muito e para mim? Foram perguntas atrás de perguntas e talvez eu não tenha muitas respostas ainda, nesse tempo eu não me encontrava tão bem, eu tinha tido perdas de pessoas importantes, uma delas meu pai de criação, seu Gilson Raiol, que faleceu no ano de 2017 no final do meu primeiro semestre. Sua perda jamais foi superada e eu ainda sinto muito nos dias atuais; no ano de 2018, no mês de março, eu perdia um grande amigo de curso e de vida, o menino de ouro, Fernando Chucre, o Fernando acreditou em mim quando eu nem mesmo acreditava

Eu estava fragilizada e precisava recuperar meu direito de existir.

Quando se fala de direito à existência, à voz (ou melhor, direito a ser escutada), se fala de lugares sociais, de como certos lugares são invisibilizados, as diferenças são vistas na sua negatividade e significam desigualdade, de como só um grupo específico está autorizado a falar. [...] “Ei mulher, você quer falar alguma coisa? Fala! Você quer fazer um discurso? Faça! Quer que eu fale por você?” Eu falo, voz! (PASSÔ, 2018, p.7)

Grace Passô é atriz, diretora de teatro e dramaturga, teve vários trabalhos artísticos e textos teatrais premiados, trabalha em parceria com diversos artistas e companhias teatrais, o trecho foi retirado de seu livro Vaga Carne, esse trecho me remete muito a tudo que foi vivido no Pauta Negra, o Manifesto foi tão necessário para mim, um marco na minha trajetória enquanto artista e mulher preta, aqui começava um desabrochar.

O empoderamento não pode ser autocentrado, parte de uma visão liberal, ou somente transferência de poder. Vai além. Significa ter consciência dos problemas que nos afligem e criar mecanismos para combatê-los. Quando uma mulher se

empodera, tem condições de empoderar outras. (RIBEIRO, 2018, p.136).

Eu sou grata pelas trocas, pelo afeto e pela escuta sensível delas, talvez eu só precisasse ser escutada e sentir que eu não era pouco e que ali era o meu lugar, participar do Coletivo Manas Pretas me deu um lugar de visibilidade e voz, fez com que eu me sentisse protagonista de fato, protagonista da minha própria história. Visto que muitos papéis foram tirados de mim por conta de ser quem sou, o Pauta só precisou do meu corpo e da minha voz, esse manifesto permeia todo o meu corpo, me atravessando de todas as formas possíveis, seja na fala, nos gestos, nos toques, cada sessão era um gatilho vivo, eu chorava e não era uma “atuação”, era o sentir na pele novamente.

O Pauta NegrA com certeza foi um lugar de acolhimento, ele me enxergou, me deu voz, me vi exposta ali, me permitir ser vulnerável. Isso me assustava e mexia comigo.

Foi graças a Morrison que percebi que, adoecida pelo racismo, eu precisava encontrar formas de me libertar para não amar de forma adoecida também. Entendi que o amor, por mais que me tivesse sido negado de várias formas, era um direito. E que viria a partir do momento em que eu tivesse coragem de olhar para dentro de mim com sinceridade para retirar o mal que fora colocado ali com tanto silenciamento. [...] Eu tinha perdido mãe e pai em anos consecutivos havia pouco tempo, e ler aquele texto me ensinou que a construção da mulher negra como inerentemente forte era desumana. Somos fortes porque o Estado é omissor, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta. Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são formas de restituir as humanidades negadas. Nem subalternizada nem guerreira natural: humana. Aprendi que reconhecer as subjetividades faz parte de um processo importante de transformação. (RIBEIRO, 2018, p.20)

Eu me via sozinha em muitos momentos da minha vida, principalmente nas horas que o caos se instalava e eu passava horas acordada, ia dormir cinco, seis horas da manhã, depois de ter chorado a madrugada toda, o sono chegava, eu me via perdida e me perguntava como eu tinha deixado isso acontecer, foram noites terríveis.

O amor nunca escolhe as negras. Engraçado. Segundo o IBGE, elas são aquelas que menos se casam e são a maioria das mães solteiras. Trabalhos acadêmicos com *A solidão da mulher negra: Sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*, de Claudete Alves, revelam a solidão afetiva da mulher negra. (RIBEIRO, 2018, p.132)

A questão do afeto sempre foi algo delicado de falar, eu sentia falta e ainda sinto, não como antes, mas sinto, seja nas relações amorosas, de amizade ou na área familiar, sinto falta de ser cuidada, sou a que sempre cuida, que tem responsabilidade afetiva, meus esforços quase sempre foi pelo o outro, então eu esperava o pouco ou não esperava nada,

isso fez com que eu entrasse um comodismo. Sempre me perguntei o motivo do meu pai biológico ter ido embora, qual motivo do abandono, não conseguia entender, me sentia culpada e nem sei explicar o motivo, visto que foi ele quem escolheu nos deixar, lembro de querer uma figura paterna, principalmente nas festinhas comemorativas como o dia dos pais e ele não estava presente e nem sequer ia nos procurar, aquilo doeu por muito tempo, talvez eu o ame, mas não o perdoo.

Onde está o amor, quando uma mulher negra se olha e diz: “Vejo uma pessoa feia, escura demais, gorda demais, medrosa demais – que não merece ser amada, porque nem eu gosto do que vejo” Ou talvez: “Vejo uma pessoa tão ferida, que é pura dor, e não quero nem olhar para ela porque não sei o que fazer com essa dor”. Aí o amor está ausente. Para que esteja presente é preciso que essa mulher decida se olhar internamente, sem culpa e sem censura. (HOOKS, 2010)

Nas relações amorosas já fui trocada, traída e até deixada por conta do meu corpo fora do “padrão”. Lembro de usar cintas apertadíssimas para parecer mais magra e isso era sufocante, ter estrias foi um problema durante anos, usar biquini era algo que julgava impossível, tinha vergonha, sentia medo dos olhares e comentários, passei a não olhar no espelho, se olhasse só via defeitos e sentia que jamais seria amada por tê-los, ficava com nojo e mostrar meu corpo era algo inaceitável pra mim.

Eu não sabia receber afeto, elogios, até o toque na pele me assustava e eu estremecia de medo, de pânico, me diminuía muito ou mudava de assunto. Como já havia tido relações fracassadas, acreditava que sempre estavam mentindo, que era “só da boca pra fora” ou queriam uma relação carnal, nada mais que isso, não acreditava em relacionamento sério, impossível alguém se comprometer comigo, visto que eu era a que “fazia os papos” para as amigas e nunca a escolhida, no mínimo segunda opção, ainda é horrível lidar com essas sensações, mesmo sabendo que eu mereço muito, EU SOU MUITO. Até um tempo atrás eu me sujeitava ao pouco, migalhas de relações rasas, me perdia para ir ao encontro do outro, me sujeitava demais, era o medo de ficar sem aquele que estava se esforçando para amar alguém como eu.

Algumas vezes a gente se olha e vê tanta confusão, tanta dor, que não sabemos o que fazer. Então precisamos procurar ajuda. Às vezes ligo para meus amigos e digo: “Não consigo entender o que sinto e não sei o que fazer, você pode me ajudar?” Muitas mulheres negras não têm coragem de pedir ajuda, pois isso significaria um sinal de fraqueza. Precisamos nos livrar desse condicionamento. [...] Ter capacidade de pedir ajuda significa que temos poder. (HOOKS, 2010)

Devido as experiências vividas, fui me moldando durona, a mulher que sempre é forte, demonstrar fraqueza queria dizer que eu não era forte o suficiente, eu não queria ser vulnerável, ser assim me custaria caro e custou muito, quando você se faz de durona, as pessoas acabam achando que você não precisa de ajuda, você vai lutando e cada vez mais vai se sentindo sozinha e acaba acreditando que ser só é a melhor opção. Hoje entendo a importância de procurar ajuda para que não amemos de forma adoecida, hoje sei que eu mereço ser amada e que o amor é algo pra mim também, que o amor começa quando eu sinto amor por mim, amor pela minha história, que é preciso se amar para que possamos amar, aos poucos a ferida vai cicatrizando, meu processo é lento, no meu tempo, sem atropelos.



Foto: Tarsila Rosa

Pauta Negra fecha um ciclo de performances que me faz chegar até essa percepção, esse momento de transformação de mim mesma. A foto acima retrata um momento de afeto no Pauta, escolho esta foto para dizer que Ingrid é uma das pessoas mais importantes nessa caminhada, desde o início do curso, é uma pessoa super solícita, com uma escuta sensível, o afeto dela me afeta, a mesma sempre me ajudou muito, inclusive a escrever este TCC. Temos vivências parecidas, somos mulheres pretas, artistas, sempre nos corremos e buscando o nosso lugar, uma amiga para todas as horas, sabe aquela mão que a gente procura para nos ajudar quando caímos? Então, Ingrid é uma delas, nunca soltou a minha

mão, uma imensa gratidão pela partilha que ela tem comigo, tenho ela como referência e sou super fã do seu trabalho, eu a amo.

5. CONCLUSÕES OU UMA ARTISTA NEGRA EM MORTE E VIDA

Quantas?
Quantas mortes?
Foram diversas
Talvez aos 15, 16 anos
Vida? Aos 17,18
Oscilando sempre
Morte e vida
Ontem mesmo eu morri
Falei palavras duras para o ser
Quis morrer, desistir
Hoje mesmo renasci, me amei
Abracei, me ergui, vivi.

<https://drive.google.com/file/d/13JFA1TRyf7BuiW4n5KUThxoq-5LVOnb8/view?usp=drivesdk>

REFERÊNCIAS

BLACKMAN, Cledenice; ARENA, Dagoberto Buim; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo. **Afro-Antilhanos em Porto Velho, Brasil**: história, cultura e alfabetização. Revista Humanidades e Inovação. v.7, n.7.7, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo de feminismo negro?**. São Paulo: Companhia de Letras, 2018.

PASSÔ, Grace. Vaga Carne. Belo Horizonte: Editora Javali, 2018

<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>
[https://www.geledes.org.br/o-que-e-o-geledes-instituto-da-mulher-negra/file:///C:/Users/gsqi/Downloads/2479-Texto%20do%20artigo-9799-1-10-20200507%20\(2\).pdf](https://www.geledes.org.br/o-que-e-o-geledes-instituto-da-mulher-negra/file:///C:/Users/gsqi/Downloads/2479-Texto%20do%20artigo-9799-1-10-20200507%20(2).pdf)

POVOADA POR NUNES, POVOADA QUEM FALOU QUEM ANDO
NÃO SOU
NEM ESSA TERRA, NEM ESSE CHÃO DE
SOU MAS UMA MA
S NÃO SOU, SOU MARTINS

